

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Barroca

Casa da Música

Peter Rundel direcção musical

Laurence Cummings cravo e direcção musical

Nuno Lobo vídeo e luz

Ashot Sarkissjan violino

Worten Digitópia electrónica

8 Nov 2020 · 18:00 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO · CICLO BARROCO BPI
ANO FRANÇA



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA






Comentários ao programa por Peter Rundel, Laurence Cummings e Nuno Lobo.
[VIMEO.COM/SHOWCASE/7760871](https://vimeo.com/showcase/7760871)

MECENAS WORTEN DIGITÓPIA

APOIO

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

worten

 ernst von siemens
music foundation

 **reseo**
RESETO
RESETO
RESETO

 **REMA**
REMA
REMA

 **EUROPE JAZZ NETWORK**

 **ECHO**
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel direcção musical

Nuno Lobo vídeo e luz

Ashot Sarkissjan violino

Worten Digitópia electrónica

Nuno Lobo

Robert Maan and His Time Machine, para ensemble e vídeo em tempo real

(2020; c. 13min)*

Philippe Manoury

B-Partita, para violino, ensemble e electrónica (2016; c. 23min)**

1. *Praeludium* –
2. *Palimpseste* –
3. *Nocturno* –
4. *Perpetuum mobile* –
5. *[Non mesuré]*

PAUSA — Comentários ao programa por **Fernando Miguel Jalôto**

2ª PARTE

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings cravo e direcção musical

Johann Sebastian Bach

Suite para orquestra n.º 4 em Ré maior, BWV 1069 (c. 1717-30; c. 20min)

1. *Ouverture*
2. *Bourrée I e II*
3. *Gavotte*
4. *Menuett I e II*
5. *Réjouissance*

*Estreia mundial; encomenda Casa da Música ao Jovem Compositor em Residência.

**Estreia em Portugal.

Nuno Lobo

PORTO, 1 DE FEVEREIRO DE 1996

JOVEM COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA

Nuno Lobo é um compositor especialmente interessado em música instrumental/vocal e em formatos artísticos interdisciplinares. Procura inspirar-se em narrativas surrealistas que influenciem o seu processo composicional, mas também o resultado sonoro. Nas suas obras, é comum encontrarem-se ligações com elementos distintos tais como literatura, cinema, fenómenos físicos ou distúrbios de saúde.

É licenciado em Composição pela ESMAE e mestre em Composição pelo Conservatorium van Amsterdam. Fez uma especialização em aplicação de ritmos e conceitos 'karnáticos' na música ocidental, com Rafael Reina. Recebeu orientação de compositores como Daniel Moreira, Carlos Azevedo, Eugénio Amorim, Dimitris Andrikopoulos, Wim Henderickx e Willem Jeths. Participou em seminários ou workshops com H. Lachenmann, L. Francesconi, R. Saunders, U. Chin, V. Hoyland, T. Loevendí, G. Benjamin e H. Birtwistle.

A sua música tem sido tocada em Portugal e no estrangeiro (Amesterdão, Antuérpia, Haia, Milão, Utrecht e Eindhoven). Colaborou com os festivais: Gaudeamus Muziekweek, EuroSax'17 Porto, Opera Forward Festival, SaxOPorto e Composer's Festival Amsterdam. Recebeu encomendas da RTP/Antena 2 (Prémio Jovens Músicos), da Banda Marcial da Foz do Douro, do Nieuw Ensemble, do Maat Saxophone Quartet e do Ensemble De Gloed. A Dutch National Opera & Ballet encomendou-lhe várias óperas, uma delas a estrear em 2021.

Em 2017, foi seleccionado para o workshop de composição "The Times Academy", um projecto de co-criação com o HERMES

ensemble, em Antuérpia. Em 2018, a peça *Three Deadly Causes* conquistou o 3.º Prémio no concurso SIMM — New Music for harpsichord, em Milão. Mais recentemente, em 2020, ganhou o 3.º Prémio da Megalopolis Saxophone Orchestra's — Call for Scores 2020 em Boston (EUA), com a peça *303 / Circ. Praça Constituição*.

Estudou direcção musical com Eugénio Amorim, Artur Pinho Maria e Lucas Vis. Foi maestro assistente da Banda Marcial da Foz do Douro e em 2020 tornou-se maestro do coro de câmara Endora, em Uitgeest (Holanda). Foi professor convidado na Fontys School of Fine and Performing Arts, em Tilburg (2019-20).

Robert Maan and His Time Machine, para ensemble e vídeo em tempo real

A obra *Robert Maan and His Time Machine* foi concebida para ser executada simultaneamente com a projecção de um vídeo controlado em tempo real. A este conceito gosto de chamar "ópera virtual" que, embora muito diferente das óperas tradicionais, apresenta uma narrativa que se desenvolve através da música. No entanto, os elementos da narrativa são "virtuais": não há representação física em palco, não há actores nem cantores, tudo se passa na imaginação do público. Assim, os gestos musicais de vários instrumentos são sincronizados com o texto do vídeo, criando a ilusão que os instrumentos são a voz das personagens da narrativa.

Robert Maan and his time machine conta a história de um jovem que viaja no tempo. Ao partir numa viagem ao futuro, cria um problema eléctrico no seu condomínio que só pode ser resolvido quando ele regressar. Passado um mês, os demais moradores não sabem onde ele se encontra e iniciam uma intensa discussão para resolverem a situação.

NUNO LOBO, 2020

Philippe Manoury

TULLE, 19 DE JUNHO DE 1952

COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA

Philippe Manoury é um dos maiores compositores franceses da actualidade. Fez os seus estudos musicais na Escola Normal de Música de Paris. A partir de 1970 começa a dedicar-se principalmente à composição. Os seus estudos prosseguem no Conservatório Superior de Música de Paris, com Michel Philippot e Ivo Malec (em Composição) e com Claude Ballif (Análise). Em 1975 começa estudos de composição assistida por computador, com Pierre Barbaud. Desde cedo acompanha os mais importantes festivais e concertos de música contemporânea. Tem como primeiras referências musicais as obras de Stockhausen, Xenakis e Boulez.

Em 1974, no Festival de Metz, o pianista Claude Helffer estreou a sua obra *Cryptophonos*, que verdadeiramente o apresentou ao mundo musical. Entre 1978 e 1981, está no Brasil, dando conferências e cursos. Regressa depois a Paris, sendo convidado para o IRCAM na qualidade de investigador. A partir daí fica ligado às actividades do instituto. Nessa época começa a colaborar com Miller Puckette. Desse trabalho conjunto nasce o ciclo *Sonus ex-machina*, série de peças para diversos instrumentos e electrónica.

Mantém uma intensa actividade pedagógica, sendo sucessivamente responsável pela pedagogia no Ensemble intertemporain, professor de composição e música electrónica no Conservatório Nacional Superior de Lyon, compositor residente na Orquestra de Paris, depois em Orleães, e mais tarde na Orquestra de Câmara de Paris; professor de composição na Universidade de San Diego, Califórnia e no

Conservatório de Estrasburgo. É professor convidado na cadeira anual de criação artística do Collège de France e compositor em residência na Casa da Música, no ano de 2020.

A sua obra é extensa, cobrindo todos os géneros. Para além das já citadas, refirmam-se resumidamente: *Pluton, Júpiter e Partita I*, obras para instrumento e electrónica; *Gesang-Gedanken*, ciclo de melodias sobre textos de Nietzsche, para contralto e pequeno ensemble; *Tensio*, para quarteto de cordas com electrónica; *Terra Ignota*, para piano e orquestra; *Echo-daimonon*, concerto para piano, electrónica e orquestra; *Abgrund*, para grande orquestra; 4 óperas (*60e Parallèle, K...*, *La Frontière* e *La nuit de Guttemberg*); *Ken licht*, obra lírica e teatral; *Trilogia de Colónia*, conjunto de 3 peças para grande orquestra especializada (*In situ, Ring* e *Lab.Oratorium*).

B-Partita, para violino, ensemble e electrónica

O termo “partita” está fortemente conotado com a música barroca e designa, nesse contexto (à semelhança de “suite”), um grupo de pequenas peças unidas numa mesma obra, com carácter de dança, escritas não para ser dançadas mas sim para ser escutadas. Philippe Manoury emprega o termo na medida em que pode designar uma obra para instrumento solo que não é estruturada segundo uma forma pré-estabelecida (é relativamente livre quando comparada, por exemplo, com a sonata do mesmo período, igualmente passível de ser escrita para instrumento solo).

Perante o desafio de escrita de uma nova obra para o Ensemble Linéa, Manoury decidiu tomar como base a sua *Partita II* para violino e electrónica, escrita em 2012. Nessa obra está bem patente o desejo de aprofundar as relações possíveis entre um instrumento de cordas

e os sons electrónicos: o violino dá origem a estruturas autónomas no campo dos sons electrónicos, fazendo-lhes em seguida comentários, contrapontos e, mais tarde, modificações. Podemos dizer que ao mesmo tempo provoca e reage a esse discurso que o envolve.

Apesar de a *B-Partita* (2016) se basear na *Partita II* (2012), importa clarificar que não estamos propriamente perante um caso de proliferação de uma obra anterior que serve como mero material de partida (como fez Boulez com as *Notations*, com *Sur Incises* ou *Anthèmes*). Na verdade, a forma como Manoury se relaciona com o *opus* anterior que toma como base está mais próxima da postura de Luciano Berio quando decidiu transformar algumas das suas célebres *Sequenzas* para instrumento solo em obras que envolvem outros instrumentos no discurso, dando-lhes uma dimensão mais próxima do concertante. Na *B-Partita*, a presença da orquestra (flauta, oboé, clarinete, trompa, trompete, 2 percussões, 2 violinos, viola e contrabaixo) enriquece não apenas a paleta como as possibilidades discursivas: como é frequente na concepção de Manoury, a electrónica é tratada numa óptica quase orquestral ao mesmo tempo que, por outro lado, as próprias decisões de orquestração são muitas vezes consequência dos timbres electrónicos provenientes da *Partita II*. Processos que estavam já presentes na parte electrónica da *Partita II* são estendidos à orquestra na *B-Partita*. Na escrita para o grupo instrumental, a individualização é uma preocupação deste compositor que se interessa muito por criar “música em que os músicos toquem individualmente”. Esse traço de individualidade, que aumenta com o número de músicos, potencia a criação de texturas não necessariamente sincronizadas, com resultados muito sedutores. Explora-se a possibilidade de “inventar

pequenos motores, pequenas peças, pequenos organismos, que giram a velocidades diferentes. Às vezes falam um com o outro, outras vezes não, mas temos sempre essas vozes individuais.”

Um acontecimento inesperado condicionou o processo criativo: a morte de Boulez, com quem Manoury mantinha proximidade. Nesta peça que acabaria por ser dedicada à memória de Boulez, Manoury toma de empréstimo um elemento utilizado na *...explosante fixe...* de Boulez, por sua vez dedicada à memória de Stravinski. Nessa obra há momentos em que a orquestra pára e toca a nota Mi bemol — que em alemão tem o nome “Es”, homófono do S inicial de Stravinski — em subtil evocação do compositor russo; nesta *B-Partita*, um papel especial é dado à nota Si bemol — “B” em alemão, honrando a inicial do dedicatário. Este elemento de homenagem, que não fazia parte da *Partita II* e que Manoury acrescentou por força das circunstâncias à *B-Partita*, converte-se numa vénia não só a Boulez ou, menos directamente, a Stravinski (pela homenagem que Boulez lhe havia feito), como também acaba por ser uma celebração de uma tradição de criptogramas musicais que é já longa na música europeia, se tivermos em conta que o nome de notas tem sido usado desde há séculos como forma de “codificação” de nomes próprios — incluindo, por exemplo, o nome recorrentemente evocado de Johann Sebastian Bach, com cuja música prossegue este concerto.

PEDRO ALMEIDA, 2020

Nota biográfica de P. Manoury por Fernando Lapa

Johann Sebastian Bach

EISENACH, 21 DE MARÇO DE 1685

LEIPZIG, 28 DE JULHO DE 1750

Suite para orquestra n.º 4 em Ré maior, BWV 1069

Nas Suites para orquestra, Bach dá o seu contributo para o género da *Ouverture* francesa, especialmente desenvolvido desde Jean-Baptiste Lully, na corte de Luís XIV. Para essa influência francesa foi importante a sua estada em Lüneburg e o contacto com a corte de Celle na sua juventude (célebre palácio na Baixa Saxónia, conhecido como a Pequena Versailles), onde predominava a música francesa, conforme o gosto da época e do próprio duque George William. Mas Bach rapidamente se colocou para além desta influência, desenvolvendo uma forma de Suite para orquestra rica em elementos e nuances pessoais.

A fonte da Suite para orquestra n.º 4 em Ré maior (BWV 1069) perdeu-se, mas as partes que possuímos são datadas à volta do ano 1730. Apesar da convicção generalizada que atribui a composição das suites à actividade do compositor em Leipzig, alguns autores defendem que a versão original desta suite é do período de actividade musical de Bach em Cöthen, não integrando ainda a parte instrumental para trompetes e tímpanos, que mais tarde foi acrescentada quando Bach adaptou a *Ouverture* da suite ao Coro que dá início à Cantata da Natal *Unser Mund sei voll Lachens* (“Que a nossa boca se encha de riso”), BWV 110, em 1725. A actividade musical de Bach na corte de Cöthen, entre 1717 e 1723, foi importante para o seu amadurecimento, no que se refere à música instrumental. A corte do jovem Príncipe Leopoldo tinha aderido à linha Calvinista da confissão Protestante, que proibia os

instrumentos na liturgia e condicionava muito a própria música vocal, possibilitando uma maior dedicação do compositor à música para a corte. No entanto, os mais recentes estudos colocam apenas uma pequena parte da sua obra instrumental neste período, atribuindo a maioria da sua produção ao período de Leipzig. Neste concerto teremos a oportunidade de ouvir a versão original desta suite.

Um dos aspectos relevantes que a Suite n.º 4 manifesta é a importância e a extensão que o 1.º andamento assume no conjunto da obra, apresentando-se como algo mais do que uma simples introdução (188 compassos, ficando 186 para os restantes andamentos). Exibe uma estrutura tripartida, onde se destaca a rápida fuga central com a sua típica mudança de andamento (9/8), que lhe confere uma grande vivacidade, em contraste com a imponência da secção anterior, que é retomada no final.

O 2.º e o 3.º andamento — *Bourrée* (dança da região de *Borée*, no Sul de França) e *Gavotte* (dança da região de *Dauphiné*, no Sudeste de França, cujos habitantes eram designados como *Gavot*) — são danças de ritmo binário que vivem de um criativo jogo de combinação tímbrica entre os naipes instrumentais. A *Bourrée* surge com um tempo mais movimentado e jocoso em contraste com a moderação da *Gavotte*, tal como são descritas por Johann Gottfried Walther e Johann Joachim Quantz nos seus tratados musicais dos meados do séc. XVIII. Nos dois andamentos, a elegância sonora, a articulação e o recorte frásico constituem elementos essenciais que permitem a melhor percepção da sua estrutura musical: uma textura de duplo coro entre cordas e madeiras, com uma subtil distinção da figuração em anacruse que integram. O *Menuett* é uma dança de “passo curto” (do francês *menu pas*), em ritmo ternário, onde pontificam as

madeiras e cordas no *Menuett I*, para depois soarem apenas as cordas no contido *Menuett II*, produzindo um agradável contraste.

A suite termina com um exuberante 5.º andamento — *Réjouissance* — onde efectivamente se exprime o júbilo musical, plasmado numa matriz ternária onde se destacam os jogos tímbricos e a rica figuração rítmica, que parece antecipar o 4.º andamento dos *Reais Fogos-de-Artifício* de Händel (1749).

PAULO ANTUNES, 2014

Peter Rundel direção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmonias de Helsinquia, da Rádio França e do Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma e as Sinfónicas de Viena e da Rádio de Frankfurt. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Inicia a temporada 2020/21 com o convite do Musikfest Berlin para dirigir o Ensemble Musikfabrik. Além dos compromissos com a Sinfónica da Rádio Bávara, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Basel Sinfonietta, celebra o 20.º aniversário do Remix Ensemble Casa da Música, formação que dirige há 15 anos. Juntos realizam um concerto na Elbphilharmonie, em Hamburgo. Na Primavera de 2021, estreia a nova peça de teatro musical de Isabel Mundry, *Im Dickicht*, no Festival Schwetzingen SWR.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, no Festival de Bregenz e no Schwetzingen SWR Festspiele, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang

Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht e Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen e La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Em 2016 e 2017, dirigiu *De Materie* de Heiner Goebbels no Armory Hall de Nova Iorque e no Teatro Argentino La Plata, uma produção que estreou na Ruhrtriennale em 2014. Com a estreia mundial de *Les Bienveillantes* de Hector Parras, encenada por Calixto Bieito, apresentou-se pela primeira vez na Ópera da Flandres, em 2019.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi Director Artístico da Filarmonia Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Além de orientar as suas próprias masterclasses de direção na região da Baviera, é regularmente convidado para leccionar em cursos internacionais.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

Laurence Cummings

cravo e direcção musical

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis na corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como cravista e como maestro. Actualmente é director artístico do Festival Internacional Händel em Göttingen, director do Handel Festival de Londres e maestro titular da Orquestra Barroca Casa da Música. É considerado uma autoridade na música de Händel e “um dos melhores defensores do compositor em todo o mundo. Sóbrio no pódio, fiel acima de tudo à partitura, combina a energia e invenção de Händel com lirismo, generosidade e dignidade inconfundíveis” (Guardian).

Aclamado frequentemente pelas suas interpretações sofisticadas e empolgantes nos teatros de ópera, tem-se apresentado um pouco por toda a Europa, dirigindo produções para a Ópera de Zurique (*Belshazzar*, *King Arthur*), o Theater an der Wien (*Saul*), a Ópera de Gotemburgo (*Orfeu e Euridice* de Gluck, *Giulio Cesare*, *Alcina* e *Idomeneo*), o Théâtre du Châtelet (*Saul*) e a Ópera de Lyon (*Messias*). No Reino Unido é convidado regular da English National Opera (*Radamisto*, *L’Incoronazione di Poppea*, *Semele*, *Messias*, *Orfeu e Indian Queen*), do Glyndebourne Festival (*Saul*, *Giulio Cesare* e *Fairy Queen*) e do Garsington Opera (*L’Incoronazione di Dario*, *L’Olympiade* e *La Verita in Cimento* de Vivaldi). Apresentou-se ainda no Linbury Theatre Covent Garden (*Berenice* e *Alceste*), na Opera North (*L’Incoronazione di Poppea*), no Buxton International Festival (*Tamerlano* e *Lucio Silla* de Mozart) e na Opera Glassworks no Wilton’s Music Hall (*The Rake’s Progress*).

É também um maestro experiente nas salas de concerto, sendo frequentemente convidado para dirigir orquestras de instrumentos de

época e modernos, entre as quais a Academy of Ancient Music, a Orchestra of the Age of Enlightenment, o English Concert, a Handel and Haydn Society em Boston, a Orquestra Barroca da Croácia, La Scintilla (Zurique), a Juilliard 415, o Musikcollegium Winterthur, a St Paul Chamber Orchestra, as Orquestras de Câmara de Zurique, Basileia, Moscovo e Escócia, e as Sinfónicas de Washington, Kansas, Jerusalém e da Rádio de Frankfurt. No Reino Unido dirigiu a Orquestra Hallé, a Royal Northern Sinfonia, a Sinfónica de Bournemouth, a Filarmónica Real de Liverpool, a Orquestra do Ulster e a Real Nacional Escocesa.

A sua discografia inclui gravações com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS), Angelika Kirschlager e a Orquestra de Câmara da Basileia (Sony BMG), Maurice Steger e English Concert (Harmonia Mundi), e Ruby Hughes e a Orchestra of the Age of Enlightenment (Chandos), bem como um ciclo de óperas e concertos gravados no Festival Internacional Händel em Göttingen (Accent). Gravou ainda numerosos discos em recital de cravo solo e música de câmara para a Naxos.

Foi bolseiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se graduou com distinção. Até 2012, foi director dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music, criando no curriculum a prática em orquestras barrocas e clássicas. É agora *William Crotch Professor* de Performance Histórica.

Ashot Sarkissjan violino

Nascido na Arménia, o violinista Ashot Sarkissjan tem marcado presença nos palcos da nova música desde 2002, ano em que se juntou ao Ensemble intercontemporain. Foi nesta formação que teve contacto próximo com a obra de compositores como Pierre Boulez, György Kurtág e Brian Ferneyhough.

Ao integrar o Arditti Quartet, em 2005, passou a trabalhar com os mais destacados compositores contemporâneos e participou numa discografia que inclui as integrais dos quartetos de cordas de Helmut Lachenmann, Jonathan Harvey, Pascal Dusapin, Harrison Birtwistle e Brian Ferneyhough.

Das suas apresentações a solo, destacam-se os concertos de Kurt Weill (com o Ensemble intercontemporain), György Ligeti (com a Stavanger Sinfoniorkester) e James Dillon (com a Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa). Entre as estreias mais recentes estão *Giacometti's Razor* para violino solo de Steven Daverson (2014), *Socialist Fucking Realism* para violino e coro falado de Philip Venables (2013), *cleft* para violino e violoncelo de Mark Barden (com Séverine Ballon, 2017), *[super]PIPE(s)* para violino e ensemble de Andrzej Kwieciński (2017) e *The Su Song Star Map* para violino solo de Liza Lim (2018).

O interesse paralelo de Ashot Sarkissjan em formas musicais menos académicas levou-o à participação nos álbuns *The Marriage of True Minds* (2013) e *The Consuming Flame: Open Exercises in Group Form* (2020), do grupo de música electrónica Matmos.

Worten Digitópia electrónica

A Worten Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. Consequentemente, o seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades (por exemplo, com grupos com necessidades educativas especiais), o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos.

Sendo parte integrante da Fundação Casa da Música, tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble apresentou, em estreia absoluta, mais de 90 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomàrico, Stefan Asbury, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros.

No plano internacional, apresentou-se nas mais prestigiadas salas e festivais europeus como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage.

O Remix foi a primeira orquestra portuguesa a apresentar-se na Elbphilharmonie de Hamburgo, a 22 de Setembro de 2020.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert

na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Oscar Bianchi, Philip Venables e inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2019 do Remix Ensemble foi alimentada pelas residências artísticas de dois notáveis músicos europeus: Peter Eötvös, num programa que incluiu a estreia portuguesa do melodrama *The Secret Kiss*, uma encomenda da Casa da Música em parceria com outras instituições internacionais; e Jörg Widmann, como clarinetista e maestro. Apresentou obras de Ligeti ao lado do pianista Pierre-Laurent Aimard. Mais tarde, dividiu o palco com a maestrina Sian Edwards e a violinista virtuosa Carolin Widmann, num programa que estreou duas obras encomendadas a Rebecca Saunders e Ângela da Ponte. Regressou, ainda, à *Arte da Fuga* de Bach, na versão desafiante de Johannes Schöllhorn que já deu origem a um disco aclamado pela crítica.

O Remix tem dezassete discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreesh, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de concertos em várias cidades portuguesas — incluindo os festivais Braga Barroca e Noites de Queluz. Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou Cantatas de Natal e a *Missa em Si menor* de Bach,

excertos do Messias de Händel e as *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direcção de Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado em actuações no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Em 2019, interpretou o *Stabat Mater* de Pergolesi e fez concertos dedicados à *Arte da Fuga* de Bach e às *Vésperas* de Monteverdi.

Na abertura da temporada de 2020, a Orquestra Barroca apresenta obras sacras de Charpentier sob a direcção de um dos maiores especialistas no Barroco francês, Hervé Niquet, e mais tarde volta a colaborar com os maestros-solistas Rachel Podger e Dmitry Sinkovsky. Interpreta ainda obras de Bach e Telemann e celebra o Natal com um regresso à música de Charpentier.

A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

Remix Ensemble Casa da Música

Violino

Léo Belthoise
Albert Skuratov

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Antje Thierbach

Clarinete

Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Telmo Barbosa

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
João Cunha

Piano

Jonathan Ayerst

Electrónica*

Óscar Rodrigues
Filipe Fernandes (assistência)

*Worten Digitópia

Orquestra Barroca Casa da Música

Violino I

Huw Daniel
Ariana Dantas
Raquel Cravino
Ana Luísa Carvalho

Violino II

Reyes Gallardo
César Nogueira
Cecília Falcão
Mariña Garcia-Bouso

Viola

Isabel Juárez
Diana Antunes

Violoncelo

Vanessa Pires
Teresa Madeira

Contrabaixo

José Fidalgo

Oboés

Pedro Castro
Andreia Carvalho
José Carvalho

Fagote

José Rodrigues Gomes

Órgão/Cravo

Fernando Miguel Jalôto

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

